

Festival Novas Frequências

Part. Chico Dub



Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Chico Dub

Meu nome é Chico Dub, sou curador de música de invenção, música expandida, música exploratória, música experimental, arte sonora. Sou diretor e curador do Festival Novas Frequências, evento que completa dez anos agora, em 2020.

A fagulha inicial por trás do Novas Frequências surge em 2010, um ano antes da primeira edição, em 2011. A ideia original era realizar um festival totalmente internacional, que desse conta de uma música que não chegava com proeminência dos festivais daqui. Os bons festivais sempre tinham um, dois, três, no máximo, artistas inseridos dentro do contexto do guarda-chuva da música experimental, eram exceções. Dentro de um guarda-chuva maior, eram aquelas peças mais estranhas. Dentro da programação como um todo, eram as peças que mais me fascinavam. E aí resolvi montar um festival com essas características. Um festival que fosse pura e simplesmente dedicado a essas sonoridades mais extremas, mais expansivas, que desafiam os limites e conceitos da música tradicional.

Com o passar dos anos, o festival vai se tornando mais brasileiro. A partir de 2015, com 50 por cento de artistas brasileiros e 50 por cento de artistas internacionais. Essa década, começando em 2011, e ao desenrolar de todo esse período, a gente percebe um boom no crescimento, na qualidade, na produção realizada aqui no Brasil. Então, isso passa, cada vez mais, a ser uma das missões mais importantes do festival, que é revelar, fomentar, produzir essa cena, outrora desconhecida, e que passa, cada vez mais, a se tornar referência na América do Sul, referência também em contextos da arte contemporânea realizada no Brasil. E, também, nos últimos anos, com destaque internacional nas cenas mais antigas, com mais infraestrutura da Europa, da Ásia, do Hemisfério Norte como um todo. Basicamente, o que muda na cena ao longo desses últimos anos, nesta década, vamos dizer assim, são as facilidades dos processos de gravação, distribuição. O que era antes muito difícil de ser gravado, hoje, com o laptop e alguns programas, inclusive, programas piratas, você tem um mundo às suas mãos. A divulgação, a promoção, também é muito fácil, muito simples. O que é difícil é a quantidade. É um absurdo de música, um absurdo de informação que a gente vive hoje no tempo presente. Então, essa é a dificuldade, mas, por outro lado, o acesso é muito mais democrático aos meios de produção e aos meios de divulgação.

Daí a gente vem, chega em 2020, todos os planos desenhados, imaginados, sonhados para o Novas Frequências, no primeiro momento, são jogados fora. Isso

eu acho que é uma coisa que não é só do festival, inclusive, é de todos os eventos, festivais. Ações planejadas antes do tsunami da pandemia. Então não é nada normal o que a gente enfrentou e, com o passar do tempo, eu acredito assim, muito bom a gente estar acontecendo em dezembro. Na verdade, sempre o Novas Frequências acontece em dezembro, na primeira semana. Então, houve um tempo muito importante de maturação, de aprendizado, de pesquisa, de entender o que os outros festivais ligados ao ecossistema do Novas Frequências, de uma maneira mais presente, estavam realizando, para a gente escolher um formato para seguir. E esse formato se apresenta numa configuração que eu diria, entre aspas, Super Novas Frequências, numa coisa mais Novas Frequências que a gente poderia fazer, porque o Novas Frequências sempre arrisca e busca novos processos e novos formatos a cada ano, para além do line up, para além da programação artística. O Novas Frequências arrisca e experimenta formatos. Então, no ano passado, só para dar um exemplo muito significativo, que ajuda a exemplificar o que eu estou contando, resolvemos, por livre e espontânea vontade, por questões conceituais, realizar um festival totalmente fora do palco. Não em casas de show, salas de concerto, mas, em galerias, praças públicas, pátios de colégio, museus e jardins, e por aí vai. Então, quem diria, que alguns meses depois, a gente precisaria repetir esse formato, só que, agora, claro, de uma maneira imposta, impositiva, mas, sim, fora do palco novamente. E, dada a toda a configuração de mercado, com o boom das lives, com esse frenesi todo, eu nunca impactado, desde o início, por esse fenômeno, dada a toda o cerne do festival, como eu estava falando, essas proposições em busca do risco, em busca de abraçar o risco, muito mais interessado com o processo do que o resultado final, a gente repete, claro, evidente, o formato do ano passado, só que de forma ainda mais radical: sem mostrar a música sendo tocada em qualquer formato. Então, a gente repete, fora do palco, mas misturando os fazeres, os saberes artísticos musicais, sonoros, os artistas da programação, com outras linguagens da arte. O festival, que sempre trabalhou com música expandida, sempre flertou com o universo da arte contemporânea e da performance, esse ano, cada vez mais, mais do que nunca, mergulha dentro desses processos, e o resultado que as pessoas vão poder assistir, presenciar, é um misto de festival de música com exposição de arte. Devido ao fato da edição desse ano ser digital, por conta, claro, da pandemia, dos efeitos da Covid-19, a gente tem aí toda uma imbuidez inerente das telas. A gente já tem uma presença visual muito forte, através das telas dos computadores e dos celulares. Como se o palco do festival esse ano se desse através das telas, do site do Novas Frequências. Então, mais do que nunca, é um festival muito híbrido. Como falei, cruza a música e o som com outras linguagens da arte, principalmente, as linguagens visuais, as linguagens das artes visuais, das artes plásticas, da videoarte. Então, é um festival muito híbrido, que precisou, não só se adaptar a essas questões, mas na escolha curatorial. Muitos artistas foram convidados porque vêm de outros universos. Universos que em alguns momentos fazem flertes e se cruzam com o som, mas artistas muito mais consagrados e muito mais inseridos dentro de outros contextos. Então temos, por exemplo, João Paulo Cuenca, que é um escritor; a Grace Passô, que é uma dramaturga e também diretora de teatro; Thiago Rocha Pitta, um artista visual com passagem por bienais importantes, como a Bienal do Mercosul e a Bienal de São Paulo; performances como as irmãs Brasil; a Ventura Profana. Então, esse 2020 que se configurou, que se desenhou, foi muito interessante, muito, quase que

natural, trazer artistas vindos de outros processos e universos para dentro do Novas Frequências, que sempre se abriu para outros campos também. Se a gente, por algum lado, perde a comunhão, a catarse, o movimento dos corpos, das ondas sonoras, por outro, a gente ganha em teoria, claro, evidente, a gente ganha a possibilidade de alcançar novos públicos, de centralizar, de se expandir para todo o território brasileiro e, por que não, do mundo. O festival, em 2020, mesmo sendo mais brasileiro do que nunca, ele é menos carioca. É um festival brasileiro, esse ano. Não é um festival que acontece mais no Rio de Janeiro. A produção é do Rio, a produção é local, mas é um festival que se expõe, que se abre para todo o campo do território nacional. Então, isso é um fato extremamente positivo. É extremamente positivo também a questão da finitude das obras ou a não finitude das obras. O festival hoje é um acervo vivo, não mais efêmero, mas com uma temporalidade expandida. Por mais que a gente esteja acontecendo do dia 1 ao dia 13 de dezembro, as obras vão ficar inseridas no site do festival, armazenadas, arquivadas, e isso vai possibilitar que o festival tenha uma temporalidade infinita. Que a programação nossa esteja disponível para públicos para além de 2020, e por aí vai. Então, esse dado, esse elemento de arquivo, de acervo, de legado, é uma constituição super interessante e muito bem-vinda, a partir da pandemia e a partir dessas adaptações feitas por um ambiente virtual.

A grande homenageada dessa edição é Jocy de Oliveira, artista pioneira no campo da arte multimídia, no campo da música eletroacústica, uma das maiores artistas vivas do Brasil hoje em dia. Já era para a gente ter chamado a Jocy em edições anteriores, mas acabou que ficou perfeito trazê-la justamente para essa décima edição, colocá-la na abertura e colocá-la com todos os holofotes possíveis. É uma artista que merece tudo isso e muito mais. Para o festival, a gente fez um convite para ela trazer duas peças realizadas em 1995 e 1998, respectivamente, “La Loba” e “Naked Diva”, essas que foram extraídas de duas óperas multimídias, “Illud Tempus” e “As Malibrans”. A gente regrava essas peças em 2020, nos estúdios do LabSonica, o laboratório de experimentação musical e sonora do Oi Futuro, com Gabriela Geluda e Marcelo Carneiro na difusão. E, com essas peças regravadas, a gente entrega essas obras para a Lilian Zaremba, uma artista do rádio, uma artista sonora, que utiliza essas bases sonoras por uma composição imagética totalmente deslocada dos contextos originais dos trabalhos da Jocy. Lilian Zaremba vai criar um diálogo narrativo, uma outra interpretação, colocando essas obras em outros horizontes imagéticos e visuais. Como tudo na vida, a gente tem pontos positivos, pontos negativos. Eu tento sempre enxergar as coisas com um viés, digamos assim, copo cheio. É evidente que a pandemia nos coloca numa situação muito frágil, muito delicada. A cena de música experimental é uma cena nova no Brasil. É uma cena que pertence a uma espécie de limbo, ela não é entendida pelos colegas da música. Para os colegas da música, o experimentalismo é quase como um corpo alienígena, justamente por trabalhar por questões não musicais, por questões deslocadas dos dogmas da música nas tradições musicais, é uma sonoridade, um universo também não muito bem entendido pelo campo da arte contemporânea. Então, é como se a gente estivesse numa espécie de lugar do meio, realmente, num limbo. É uma cena muito frágil que perde a possibilidade de se apresentar no palco, a possibilidade de arrecadar recursos e fundos e se sustentar. É como se a gente precisasse começar 2021, começar essa nova década pegando, colhendo todos os cacos de vidro espalhados pelo chão e se reconstituir enquanto cena. Um momento

muito difícil, mas, ao mesmo tempo, nos trouxe a noção - para muitos já era claro, era óbvio - mas eu acho que ela reforça a necessidade de um trabalho em rede, de um trabalho comunitário, um trabalho em comunidade, coletividade num trabalho que precisa ser realizado em grupo porque somos todos parte do mesmo ecossistema. Quando um se desenvolve, todos se desenvolvem. Quando um cai, vários caem. Então, o Novas Frequências, inclusive, se coloca num momento agora de se rediscutir e ressignificar esse próximo ciclo que se inicia, não só referente, claro, aos 11 anos, eu entendo muito o número 10 como o final de um ciclo. Então, um novo ciclo se inicia para o Novas Frequências, a partir do ano que vem, coincidentemente, o início de uma nova década. Estou enxergando muito a presença do festival deslocada dessa palavra festival, inclusive. Festival, geralmente, é um evento que acontece numa época do ano específica, uma vez ao ano. Então, eu acho que o campo de atuação do Novas Frequências precisa se expandir, precisa atuar em outras frentes da música, não só na ponta da cadeia que é o palco, mas em diversos outros processos.